

BOLETIM DA EDUCAÇÃO

Nº 2 Janeiro de 1993

COMO TRABALHAR A MÍSTICA DO MST COM AS CRIANÇAS



MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA

APRESENTAÇÃO

Desde seu surgimento o MST tem buscado criar e cultivar uma Mística da luta pela Reforma Agrária. Hino, bandeira, palavras de ordem, canções, gestos, são alguns exemplos disso.

Em nossas Escolas, também estamos sentindo a necessidade de desenvolver os valores, os princípios e os sentimentos que sustentam a luta do MST. Só assim estaremos contribuindo para dar continuidade e qualidade cada vez maior ao nosso Movimento, através das novas gerações.

Foi pensando nisso, que na PRIMEIRA OFICINA DE CAPACITAÇÃO DO COLETIVO NACIONAL DO SETOR DE EDUCAÇÃO, realizada em novembro de 1992, em Presidente Prudente, São Paulo, organizou-se um grupo de trabalho para iniciar a produção de materiais com sugestões de como trabalhar a Mística do MST com as crianças.

O texto que apresentamos a seguir traz um conjunto de sugestões de como trabalhar a Mística, especialmente nas escolas de 1º grau dos nossos Assentamentos e Acampamentos.

São apenas algumas dicas. Cabe aos professores criar junto com as crianças novas formas de cultivar e reinventar nossos símbolos, nossa arte e nossa história.

Gostaríamos também de alertar os professores sobre a nova edição do CALENDÁRIO HISTÓRICO DOS TRABALHADORES, que está à disposição nas Secretarias Estaduais. Trata-se de um rico material de pesquisa para a comemoração de datas que reforçam a mística da nossa luta,

No final desse boletim anexamos um texto para reflexão dos nossos companheiros da Educação. É a transcrição de uma palestra feita em maio de 1992 em Porto Alegre Rio Grande do Sul pela pedagoga e professora Madalena Freire que é filha do mestre Paulo Freire. Esta palestra está também em vídeo para quem se interessar.

Sugerimos que este texto, bem como esse boletim seja lido e discutido especialmente pelas Equipes de Educação Regionais e pelos Coletivos Estaduais do Setor de Educação e de Formação.

OCUPAR RESISTIR PRODUZIR

Também na Educação.

Setor de Educação

1993: Cem Anos do Movimento de Canudos

I - O QUE É MÍSTICA

Mística é o que anima a ação.

Animar significa: dar vida, pôr alma e energia naquilo que se faz.

Se a gente quizer comparar nossa vida com uma carroça, dá pra dizer que a mística é a graxa que se põe nas rodas para que a carroça ande mais facilmente, sem soltar tantos "gemidos".

A mística nasce do coração. É a dimensão do sentir, do querer, do amor e do ódio, do sonho e da rebeldia, da alegria e da esperança. Mas não se pode limitar a isso. Precisa ser atravessada pela Razão.

Ou seja, a mística é também uma crença num projeto de sociedade e num ideal de vida. Se concretiza em valores, comportamentos, atitudes; num jeito de ser e de viver.

A mística deve estar presente em nossa vida de forma permanente.

Mas existem alguns momentos em que ela se expressa com mais força.

O nosso desafio é fazer da ESCOLA, um espaço em que se cultive momentos e que se crie com as crianças novas formas de expressar a mística da luta de que fazem parte.

As formas de expressar a mística devem conseguir envolver:

* A TERNURA, que é o acolhimento das pessoas, através da arte, da poesia e da beleza.

* O ENTUSIASMO, que é o desafiar e convencer as pessoas para a ação. Vem do saber sobre porque se luta.

* A PAIXÃO, que é o ato de compromisso com a luta e ação coletiva.

O MST vem construindo na sua história, um jeito próprio de cultivar a mística.

O uso de ferramentas, a criação de cantos, símbolos, palavras de ordem e gestos. Estas são algumas formas de expressar o que sentimos e acreditamos.

Através da mística vamos mantendo viva a nossa história, nossa esperança e nossa convicção na vitória da luta, pela Reforma Agrária e pela transformação da sociedade.

II - ALGUMAS SUGESTÕES DE COMO EXERCITAR A MÍSTICA EM NOSSAS ESCOLAS

01 - Hino da Educação do MST:

NOVA FORMA DE APRENDIZADO

A música no meio rural é um jeito prático, bonito e eficaz de divulgar idéias.

Foi pensando nisso e na necessidade de divulgar a proposta da Educação do MST, que decidimos criar o HINO DA EDUCAÇÃO.

O companheiro, poeta e cantor, Zé Pinto, de Rondônia, inspirado no Caderno de Formação nº 18: " O Que Queremos Com as Escolas de Assentamento ", compôs a letra e a música de a " NOVA FORMA DE APRENDIZADO ".

Esta canção começou a circular no início do ano de 1992.

A letra foi especialmente feliz. Conseguiu sintetizar os princípios e os valores centrais da proposta pela qual o movimento vem lutando. Por isso logo transformou-se no nosso hino da Educação, que já está sendo cantado por muitas crianças, professores, assentados e acampados do país inteiro.

NOVA FORMA DE APRENDIZADO

I

Ninguém educa ninguém
Ninguém se educa sozinho
As pessoas se educam entre si
Descobrimo este novo caminho

III

Professor tem que ser militante
Ensinar dentro da realidade
A importância da Reforma Agrária
A aliança do campo e cidade

V

Combatendo o individualismo
Se educando contra os opressores
Aprendendo viver coletivo
Construindo assim novos valores

VII

Conhecer a caneta e a enxada
Afinando estudo e trabalho
Aprendendo teoria e prática
Nova forma de aprendizado

II

Como pensa o MST
E o Setor pensa a educação
Muito além do a, e, i, o, u,
Ou um canudo de papel na mão

IV

Discutindo as tarefas da Escola
Ensinando como o plano quer
Ir gerando sujeitos da história
Novo Homem e Nova Mulher

VI

Discutindo o cooperativismo
O avanço da organização
É na vida do assentamento
Que a criança aprende a lição

VIII

Avançar nossa pedagogia
Construir é bem mais que querer
Educando para a sociedade
Que implantaremos ao amanhecer.



1.1 SUGESTÕES DE COMO TRABALHAR O HINO DA EDUCAÇÃO EM NOSSAS

ESCOLAS

- A - Propôr que as crianças preparem uma encenação sobre o Hino da Educação.
- B - Solicitar às crianças que desenhem o que diz o Hino. Pode ser feito em grupos ou individualmente, onde cada grupo ou cada criança desenhe uma estrofe. Fixar na parede da escola ou sede da comunidade.
- C - Preparar com as crianças um jogral com a letra do Hino, onde cada criança declame uma parte ou uma estrofe. Pode ser apresentado numa assenbléia da comunidade, ou numa comemoração feita na comunidade.
- D - A partir das idéias do Hino, convidar as crianças e fazer um texto.
- E - Desafiar as crianças a criar novos versos ou mesmo novas músicas partindo do Hino.
- F - Solicitar as crianças a fazer uma montagem do Hino com recortes de jornais, revistas, fotos, etc ...
Pode ser feito por grupos ou individualmente.
Feito isso, cada qual será convidado a contar o significado da montagem. Tanto na Escola como pra comunidade.
- G - Discutir com as crianças quais são as idéias centrais do hino. Montar cartazes com as idéias centrais em forma de frases e distribuir para cada criança um cartaz a ser levado para suas casas.
Solicitar às crianças que tragam os comentários feitos pela família a respeito da idéia do cartaz.
- H - Organizar um debate com a comunidade e as crianças sobre o hino.
- I - Desafiar as crianças a encontrar um símbolo que expresse o significado de cada estrofe. Ao cantar o hino cada criança apresenta o seu símbolo, depositando-o em lugar de destaque.

Observação: Na luta pela terra, Reforma Agrária, os poetas e cantores ligados ao Movimento, fizeram muitas músicas, que são cantadas nos assentamentos, acampamentos e pelo país afora.. Com certeza as crianças de nossa escola também conhecem uma porção destas músicas.
Sugerimos que o mesmo trabalho feito com o hino da Educação seja feito com outras músicas da luta. Escolher junto com as crianças as músicas a serem trabalhadas, e a forma de como trabalhar.

02 - BANDEIRA E HINO NACIONAL: SÍMBOLOS OFICIAIS DO MST

O MST, surgiu das ocupações de terra, a partir do ano de 1979.

Em 1984, realizamos o primeiro Encontro Nacional, onde foram decididos os objetivos gerais, as reivindicações e o símbolo do Movimento. O homem e a mulher de facão na mão dentro do mapa do Brasil.

OBJETIVOS GERAIS DO MST

1. Que a terra esteja nas mãos de quem nela trabalha;
2. Lutar por uma sociedade sem explorados e exploradores;
3. Ser um Movimento de massa autônomo dentro do Movimento Sindical; para conquistar a Reforma Agrária;
4. Organizar os trabalhadores rurais na base;
5. Estimular a participação dos trabalhadores rurais no sindicato e no Partido Político;
6. Dedicar-se à formação de lideranças e construir uma direção política dos trabalhadores;
7. Articular-se com os trabalhadores da cidade e da América Latina;

NOSSAS REIVINDICAÇÕES

- 1 - Legalização das terras ocupadas pelos trabalhadores;
- 2 - Estabelecimento da área máxima para propriedades rurais
- 3 - Desapropriação de todos os latifúndios;
- 4 - Desapropriação das terras das multinacionais;
- 5 - Demarcação de todas as áreas indígenas, com o reassentamento dos posseiros pobres em áreas da região;
- 6 - Apuração e punição de todos os crimes contra os trabalhadores rurais;
- 7 - Fim dos incentivos e subsídios do governo ao proálcool, Jica e outros projetos que beneficiam os fazendeiros;
- 8 - Mudança da política agrícola do governo dando prioridade ao pequeno produtor;
- 9 - Extinção imediata do GETAT e do GEBAM;
- 10- Fim da política de colonização.

Em janeiro de 1995, realizamos o 1º Congresso Nacional. Por unanimidade os 1500 delegados concluíram que a ocupação de terra é a única solução para fazer a Reforma Agrária no Brasil.

Foi este Congresso que tornou o MST conhecido Nacional e Internacionalmente. A partir desse Congresso, muitos Sem Terra e simpati -

zantes da Reforma Agrária, passaram a procurar o MST. Foi quando sentimos a necessidade de criar a nossa Bandeira.

Em 1986 e 1987 foram discutidas várias propostas e escolhida a atual Bandeira. Uma forma de mostrar para o conjunto da sociedade a imagem do MST.

Nossa Bandeira passou a tremular em mastros fincados em muitos latifúndios, em manifestações, em praças, em caminhadas e romarias.

Também nas escolas de assentamentos, em barracos ou casas dos SEM TERRA, nas sedes de sindicatos e Movimentos Populares, nos cursos e em muitas casas dos simpatizantes da Reforma Agrária, a Bandeira passou a ser marca obrigatória do compromisso de luta pela Reforma Agrária.

A Bandeira é a expressão visual da nossa luta. Todavia faltava no MST outro símbolo que expressasse o conteúdo das nossas idéias. Assim, com o objetivo de dar ainda mais significado à nossa Bandeira e à própria luta, o MST, lançou o desafio da criação do Hino Nacional do MST.

Várias letras e diferentes melodias foram propostas pelos poetas e cantores da Reforma Agrária, durante o ano de 1987 e 1988.

Ao final de 1988, a Coordenação Nacional do MST, aprovou o atual hino, cuja letra é de Ademar Bogo e a música do Maestro Willy Correa de Oliveira.

HINO DO MOVIMENTO SEM TERRA

Vem teçamos a nossa liberdade
braços fortes que rasgam o chão
sob a sombra de nossa valentia
desfraldemos a nossa rebeldia
e plantemos nesta terra como irmãos!

Vem, lutemos
punho erguido
nossa força nos leva a edificar
nossa pátria
livre e forte
construída pelo poder popular

Braço erguido ditemos nossa história
sufocando com força os opressores
hasteemos a bandeira colorida
despertemos esta pátria adormecida
o amanhã pertence a nós trabalhadores!

Nossa força resgatada pela chama
da esperança no triunfo que virá
forjaremos desta luta com certeza
pátria livre operária e camponesa
nossa estrela enfim triunfará!

2.1 A BANDEIRA DO MST

A Bandeira surgiu como uma necessidade de termos um símbolo que identificasse a luta do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra e a luta da Reforma Agrária a nível Nacional.

O SIGNIFICADO DA BANDEIRA

- O MAPA DO BRASIL - representa que o MST é uma organização a nível Nacional. Faz luta pela Reforma Agrária em todo o país.
- O HOMEM E A MULHER - representam que a luta pela terra, precisa ser feita pelo homem, pela mulher e por toda a família.
- FACÃO - representa as ferramentas de trabalho, de luta e de resistência.
- COR BRANCA - representa a paz pela qual lutamos. Paz que só pode ser fruto da justiça social.
- COR VERMELHA - representa o sangue que corre em nossas veias e a disposição de lutar pela Reforma Agrária e a transformação da sociedade.
- COR PRETA - representa a nossa homenagem aos que tombaram antes de nós, lutando por uma nova sociedade.
- COR VERDE - representa os grandes latifúndios que temos que ocupar e fazer produzir e a esperança de que nossa luta seja vitoriosa a cada novo latifúndio conquistado.

2.2 SUGESTÕES DE COMO TRABALHAR A BANDEIRA COM AS CRIANÇAS

- A - Conversar com as crianças sobre a Bandeira. O que representam as cores, os desenhos ... O porquê de cada elemento da Bandeira.
- B - Produzir um texto sobre a Bandeira. Pode ser individual ou coletivo.
- C - Desenhar a bandeira com os alunos. Cada criança pode levar pra casa a sua Bandeira.
- D - Diferenciar a bandeira do MST das outras Bandeiras. Resgatar a sua história e o seu significado para os trabalhadores rurais. Despertar nas crianças o amor, o respeito e a admiração pelo nosso símbolo maior.
- E - Junto com as crianças definir um local de destaque pra colocar o mastro da Bandeira do MST. Desafiar as crianças para que elas mesmas consigam o mastro e o fio para hastear a Bandeira.
- F - Em momentos fortes da Escola ou do Assentamento, preparar um juramento a ser feito por todos os presentes, em volta da Bandeira como forma de compromisso com a luta.
- Exemplo: No início do ano letivo, na aprovação do planejamento, numa assembléia da Escola, etc.
- G - Em caso das Escolas que não possuem a bandeira do MST, encarregar uma equipe para conseguir uma Bandeira.
- H - Manter sempre em sala de aula a Bandeira do MST. Garantir uma equipe responsável pela Bandeira.

2.3 TRABALHAR COM O POEMA DO

HINO À BANDEIRA:

HINO À BANDEIRA DOS SEM TERRA

Pedro Tierra

Com as mãos
de plantar e colher
com as mesmas mãos
de romper as cercas do mundo

Te Tecemos

Desafiando os ventos
Sobre nossas cabeças

Te Levantamos

Bandeira da terra,
Bandeira da luta,
Bandeira da vida,
Bandeira da liberdade!

Sinal de terra
Conquistada!
Sinal de luta
e de esperança
sinal de vida
multiplicada!

Sinal de liberdade!
a que juramos:
não nascerá sobre tuas sombras
Um mundo de opressores.

E quando à terra retornar
Aos filhos da terra
repousará sobre os ombros
dos meninos livres
que nos sucederão!

2.4 O HINO NACIONAL DO MST

Quando e onde cantar:

Nas comemorações do Assentamento, nas assembleias, nos encontros nos cursos nas manifestações ...

Nas Escolas pode ser cantado: no início do ano letivo, no início das aulas, uma vez por semana, nas datas cívicas, nas assembleias da Escola, nos encontros de professores e outros.

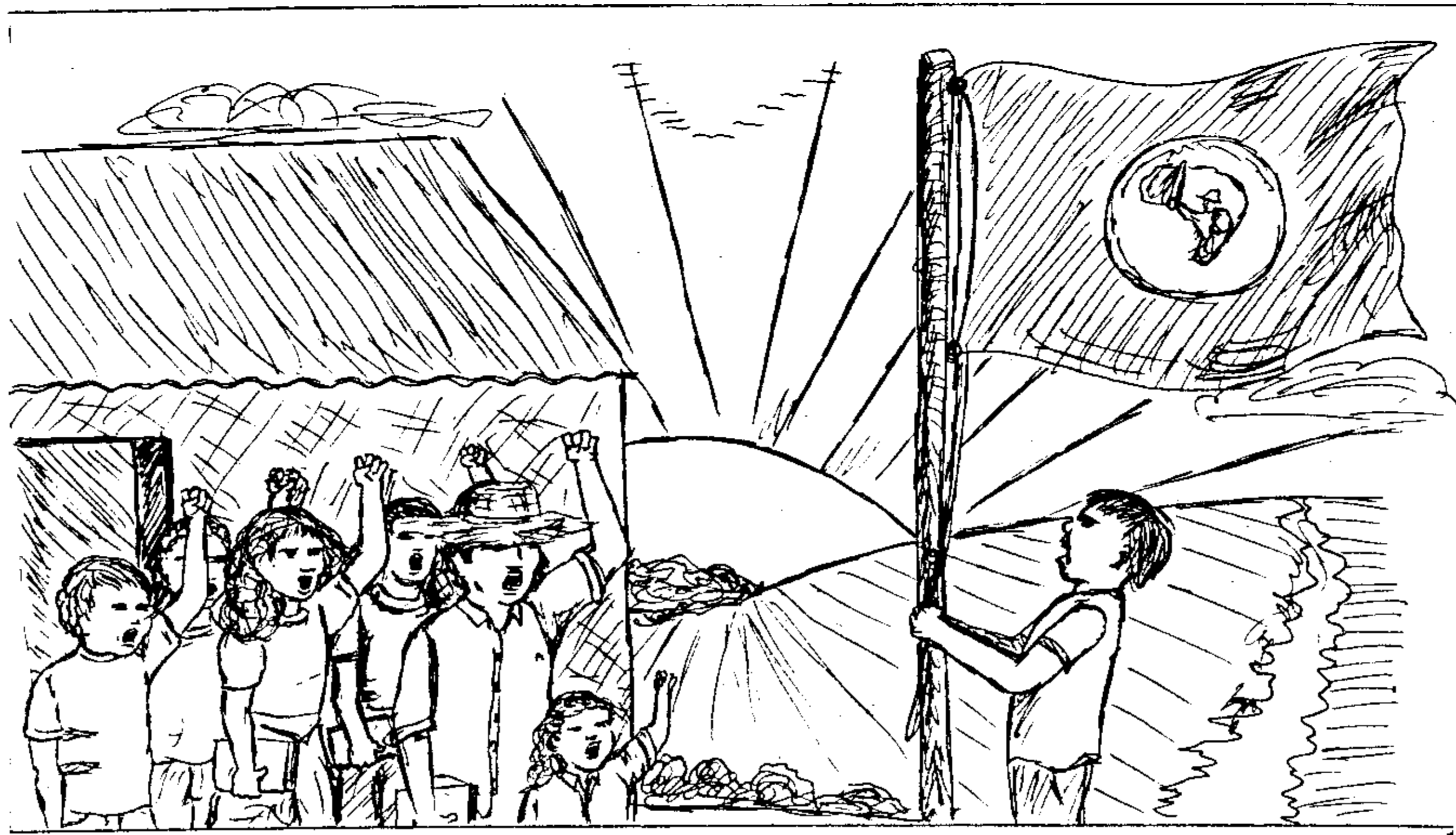
2.5 COMO CANTAR O HINO:

Sempre que possível, cantar o hino hasteando a Bandeira. Em ocasiões

em que não é possível o hasteamento da Bandeira em mastro pode-se colocar a mesma em lugar de destaque, ou ainda convidar 2 pessoas que se guem-na diante dos demais.

Convidar um aluno, um visitante, um pai, uma mãe, uma liderança para hastear a Bandeira enquanto se canta o hino.

Em sinal de respeito à nossa Bandeira, é importante cantar o hino de pé e em posição de trabalhador: braços ao longo do corpo e punhos fechados.



Enquanto se canta o estribilho:

" VEM LUTEMOS, PUNHO ERGUIDO...", É importante erguer o braço esquerdo na altura do ombro e com punho fechado, fazendo compasso da própria marcha musical do hino. Esse gesto expressa a nossa indignação contra a dominação e a exploração feita sobre os trabalhadores. E também a disposição de lutar e escrever a nossa história com as nossas ferramentas.

Ao final do hino, a Bandeira deve estar no topo do mastro. Dessa forma a Bandeira fica em destaque, numa demonstração de que a luta pela Reforma Agrária está no coração dos SEM TERRA e não vai parar enquanto os 12 milhões de Sem Terra não tiverem conquistado um pedaço de terra para trabalhar.

Encerrado o hino, os aplausos servem para demonstrar: O nosso respeito à Bandeira, nosso compromisso com as idéias do hino e nossa disposição de levar adiante a luta dos trabalhadores.

2.6 SUGESTÕES DE COMO TRABALHAR O HINO:

a- Organizar um debate com as crianças sobre o significado do hino e da Bandeira.

As crianças e a professora ou o professor podem decidir se é importante convidar alguns pais ou lideranças, para que contribuam no debate.

b- Utilizar as atividades sugeridas para trabalhar o Hino da Educação.

03 - PALAVRAS DE ORDEM

Palavra de Ordem é uma forma resumida de expressar o que sentimos, em que acreditamos e onde queremos chegar.

Na história do MST, foram criadas diversas palavras de ordem. Algumas surgem e em seguida perdem a atualidade. Outras permanecem atuais por muito tempo. E tem aquelas que se mantêm historicamente.

De 1979 até 1984, período de nascimento do MST, as principais palavras de ordem foram

"Terra não se ganha, se conquista".

"Ocupação é a única solução".

"Terra para quem nela trabalha".

Nos anos da Constituinte de 1986 a 1988, surgiu a Palavra de Ordem:

" Reforma Agrária na lei ou na marra!"

A Constituição Federal promulgada em 25 de outubro em 1988, significou um retrocesso na Lei da Reforma Agrária. Isso nos fez criar novas palavras de ordem.

Surgiram então as palavras de ordem:

"Ocupar, resistir e produzir".

"Reforma Agrária, essa luta é nossa".

Cada nova situação traz consigo novos desafios e também a necessidade de propostas alternativas para solucionar os problemas.

É por isso que até hoje algumas palavras de ordem permanecem atuais. Pois o objetivo da palavra de ordem ainda não foi alcançado.

3.1 SUGESTÕES DE COMO TRABALHAR AS PALAVRAS DE ORDEM

As palavras de ordem servem para manter o ânimo na luta dos trabalhadores. Devem ser usadas ou gritadas em atos públicos, manifestações populares, encontros, romarias, comemorações e outras.

As palavras de ordem não podem ser falsas. Elas precisam ser a expressão do sentimento do povo. Para isso, devem estar adequadas à situação e ao momento.

Por exemplo: A comunidade (assentados, professores e crianças) acampam na prefeitura pra exigir a construção de uma escola e aquisição de material escolar:

"Ocupar, resistir e produzir, também na educação".

"Reforma Agrária, essa luta é nossa".

"Escola e material escolar para a vida melhorar".



a- Realizar uma pesquisa no assentamento com o objetivo de levantar todas as palavras de ordem que as pessoas conhecem.

. Cada criança apresenta as palavras de ordem pesquisadas.

. Debater sobre o significado de cada palavra de ordem. Saber quando surgiu, por quê?, para quê? Buscar apoio na comunidade, em caso de dúvidas.

. Montar um painel com as palavras de ordem e figuras, fotos e desenhos, ^{que} expressem o significado das mesmas. Fixar na parede da escola.

. Cada aluno escolhe uma das palavras de ordem e escreve um texto sobre a mesma.

Em seguida fazer a leitura em voz alta para os colegas. Em caso de ser muitos alunos, sortear alguns.

. Elaborar coletivamente texto utilizando todas as palavras de ordem e expor na sede da comunidade, se for possível.

b- Recuperar a história do assentamento, através de desenhos, repentes, dramatização, trovas, músicas, poesias, palavras de ordem. Apresentar para a comunidade no aniversário da conquista da terra.

c- Desafiar as crianças para que criem novas palavras de ordem.

04 - JORNAL SEM TERRA

1º de agosto: Aniversário do "Jornal Sem Terra".

O Jornal Sem Terra (JST) foi editado pela primeira vez em agosto de 1981.

Surgiu com o objetivo de comunicar à opinião pública e todos os interessados os acontecimentos do acampamento da Encruzilhada Natalino, no Rio Grande do Sul.

Foi o impulso inicial. As primeiras edições saíram em forma de boletim. Aos poucos foi crescendo, junto com a luta pela Reforma Agrária. Companhia fiel da história do Movimento Sem Terra.

Por ocasião do 10º aniversário, em agosto de 1991, o Jornal Sem Terra, recebeu uma homenagem especial, em forma de um poema, que apresentamos a seguir.

AO NOSSO JORNAL - Ademar Bogo

Não és grande, não importa
Importa tua identidade.
Tu não circulas de graça
Importa que atinjas a massa
no campo e na cidade.
Já tens dez anos, bom tempo!
De todo este movimento
tu tens tudo registrado.
Não podia ser o contrário,
"fala" até sem ser chamado!
E ao lembrar de tua infância
pequeno, sem elegância
que recordações tu traz.
Mas esta é tua memória!
Certeza. Só tem história
quem com luta a história faz!

Se o futuro te intimida
que nada! És novo ainda!
Vamos... o sonho fazer.
É assim mesmo. Longa a estrada
mas que seria da jangada
sem água pra se mover?
E o que seria de nós
se tu não fosses a voz
que anuncia o amanhecer!
Nossas saudações sinceras
toda luta pela terra,
te homenageia aos clamores.
A terra é irmã. O amanhã
pertence a nós trabalhadores.

4.1 SUGESTÕES DE COMO TRABALHAR O JORNAL SEM TERRA

a- Fazer uma pesquisa junto aos assentados para saber: . Quantos assinam o JST?

- . Quem costuma ler o JST?
- . O que mais gosta no JST?

. A nossa escola assina o JST?

b- Fazer o mapa do assentamento ou da agrovila, marcando com a sigla "JST" as famílias que lêem o jornal e com um "X" as famílias que não lêem.

c- Organizar um debate na escola, com a participação de alguns assentados, sobre a importância e o papel do "JST". Porque alguns lêem e outros não.

d- Dividir o jornal em vários assuntos, distribuindo a leitura por grupos.

Após leitura, cada grupo apresenta a síntese do debate realizado.

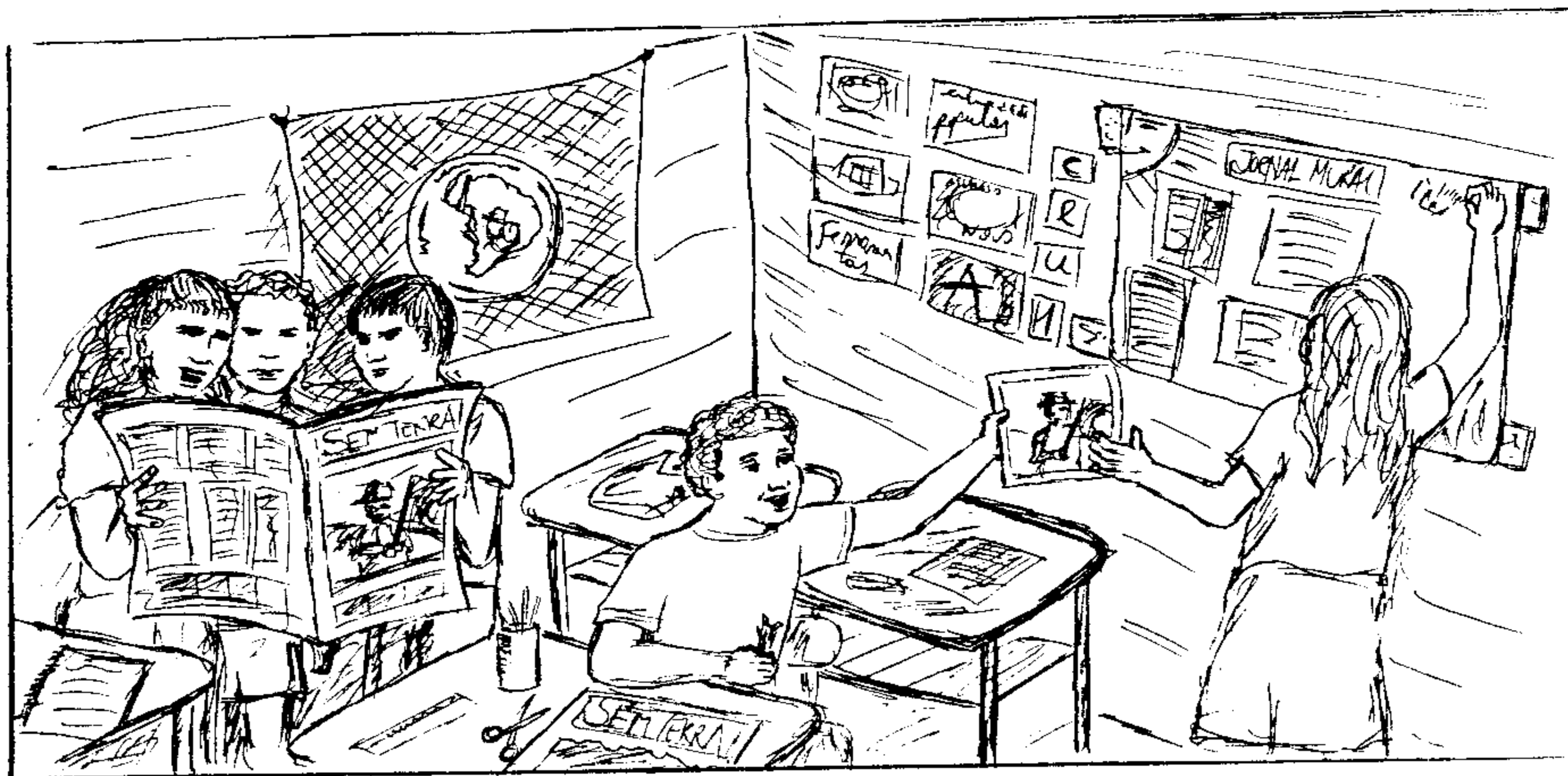
e- Cada aluno escolher um assunto do jornal, fazer leitura e produzir um texto, a partir da leitura feita ligando com a realidade.

f- Desafiar as crianças para que elaborem uma matéria sobre o seu assentamento, e enviar ao Jornal Sem Terra.

O endereço está no JST.

g- Convidar uma liderança do assentamento, para debater com as crianças o Editorial do JST, página 2. Ali está a posição do Movimento

sobre a conjuntura atual.



h- Aproveitar os textos do JST, para pesquisas sobre a realidade do MST nos Estados, introdução a conteúdos novos como: português (Ex. acentuação) geografia (buscar no mapa cada estado que se está se estudando) e outros.

i- Discutir com as crianças e com a comunidade a melhor maneira de garantir a vinda do JST para o Assentamento. Garantir também que a Escola tenha uma assinatura.

j- Organizar o arquivo do JST na escola. Desafiar aos alunos para que busquem maior número de edições anteriores do jornal.

k- Desafiar as crianças a lerem o JST em casa, com a família. Trocar opiniões na escola sobre como se faz esta leitura e quais os comentários que cada família faz.

III - CONVITE À CRIATIVIDADE

Neste texto foram mostradas algumas sugestões sobre como trabalhar a mística do MST com as nossas crianças e em nossas escolas.

Mas o que queremos deixar bem claro é que isso não é tudo. Existem outras formas de trabalho. E o que é mais importante: existem outras dimensões da MÍSTICA que não podem deixar de ser vivenciadas com as crianças e com o conjunto do Assentamento.

Uma destas dimensões é a MÍSTICA DO ESTUDO.

As crianças precisam se apaixonar pelo estudo e pela produção de CONHECIMENTO. E precisam entender porque é tão importante aprender cada vez mais sobre todas as coisas.

Tanto as mais próximas como as mais distantes.

A escola deve encontrar formas criativas de desenvolver nas crianças e na própria comunidade, a atitude do querer e do valorizar o científico sobre as coisas. Saber o porquê de tudo o que ocorre, saber como transformar a realidade.

Outra dimensão igualmente importante é a MÍSTICA DO TRABALHO.

É o trabalho que cria as riquezas de que precisamos para satisfazer nossas necessidades. Somente através do trabalho conseguimos melhorar as condições de vida dos nossos assentamentos. E também conseguimos manter o sentido da organização de nossos acampamentos.

Se não desenvolvermos em nossas crianças o amor pelo trabalho, não temos garantia nenhuma da continuidade de nossa luta. E gostar do trabalho é uma coisa que se aprende. E se aprende participando diretamente dos desafios da produção.

Nossas crianças precisam sentir o gosto do desafio de fazerem algo que traz resultados concretos para elas e para o conjunto do Assentamento ou Acampamento. Podem começar com o trabalho na própria escola mas também precisam ter outras experiências de trabalho produtivo, desde pequenas.

Como a escola vai desenvolver a mística desse trabalho, a mística do estudo, a mística da cooperação: este é o nosso convite e nosso desafio à criatividade de cada professor.

Compromisso e ousadia. Fidelidade e rebeldia.

Isso é o que nos faz EDUCADORES ...

Reinventando a escola

EDUCADOR HOJE

Educador, seja ele professor, coordenador, orientador, ensina. O que resta saber é em que concepção de educação que ele está. Nesta, ele ensina a pensar. E enquanto pensa, ensinando, ele apropria-se do seu pensamento pedagógico e teórico.

Pensar é o eixo da aprendizagem. Aprender a pensar, também é um aprendizado de construir opções. Opções, pois equivale abandonar o antigo referencial, a antiga hipótese, quebrar as estereotípias, cristalizadas, e perder a segurança do que antes parecia estabelecido, inquestionável, na busca da construção do novo, do que ainda não se sabe.

Novo que vem sempre revestido pelo medo - feito eu aqui nesta mesa, agora - perigoso, persecutório, desconhecido. Para pensar/aprender tem-se que admitir que, em certos momentos se está perdido. Vê-se numa avalanche de dúvidas, perguntas, hipóteses. Pensar envolve construir hipóteses inadequadas, erradas e ter que refazer ou inventar outro percurso para buscar a certa, a adequada.

CAOS CRIADOR

Para pensar e aprender têm-se que perguntar. E para perguntar é necessário exercitar os espaços de liberdade e abertura para o prazer e o sofrimento, inerentes a todo processo de construção do conhecimento.

A pergunta é um dos sintomas do saber. Só pergunta quem sabe alguma coisa (e sempre se sabe alguma coisa), e quer aprender. Só pergunta quem tem a humildade para admitir que não sabe. Ninguém pergunta no vazio. Pergunta porque constata que do que sabe, algo não sabe. E só a pergunta desvelará o caminho possível a se seguir. O que não se sabe, quem sabe é o outro: grupo. Outro que de um outro lugar aponta, retrata e alimenta o que nos falta. Toda pergunta se dirige ao outro, ao grupo. A pergunta revela o nível da hipótese em que se encontra o pensamento e a construção do novo conhecimento. Revela também a intensidade da chama do desejo, do fogo, da curiosidade, de vida.

Para perguntar, pesquisar, conhecer é necessário aprender a conviver com a curiosidade, por deparar-se com o inusitável, a capacidade de assombrar-se, o enfrentar-se com o caos criador, que as vezes parece mais com um terremoto, a ansiedade e o medo, no encontro ou no choque com novo.

Medo que é um dos ingredientes da construção do conhecimento. Sujeito constrói conhecimento alimentado pelo próprio medo. Medo que alimenta essa busca. Mas medo quando é deseducado, mal-educado; pára, breca essa busca. Torna-se fantasma! É necessário pegar o medo para começar a construir a coragem. Portanto, temos que educar a imaginação, o sonho, na aventura de criar, desejar, ancorados na realidade.

Educador ensina a pensar. Mas somente pensar não basta! Educador ensina a pensar e a agir segundo o que se pensa, enquanto se faz. O sujeito é uma totalidade de ação e pensamento, afetividade e cognição, prática e teoria. Por tudo isso, pensar não é fácil, nem inofensivo. Em muitas situações subverte a ordem, tira o sono, quebra

o estabelecido. Dá e provoca muito, muito medo. Medo da desorganização das idéias, do emaranhamento do velho com o novo. Novo que provoca, aparentemente, desordenadamente, uma forma caótica. Medo do caos criador.

ESPAÇO DE REFLEXÃO

Mas não existe processo de autonomia, não existe processo de libertação, sem criação e apropriação do pensamento, dos desejos e dos sonhos de vida. É através da reflexão, no desenvolvimento de suas hipóteses - porque reflexão não nasce pronta, é um processo de construção - que o educador se apropria do seu pensamento, no contato com o pensamento do outro, iguais ou teóricos. Para pensar, conhecer um objeto é necessário recriá-lo, reinventá-lo, refleti-lo. O espaço de "reflexão", aqui entre aspas a reflexão, da criança, acontece no desenho e na construção de suas hipóteses da escrita. Essa, é aí que se dá sua lição, é aí que se dá sua tarefa do pensar. Tarefa que formaliza dá forma, comunica o que pensa, para assim refletir, aprofundar, construir o que ainda não conhece e necessita aprender.

O espaço de reflexão, aqui reflexão mesmo, teoria e estudo da prática, do professor se dá no seu diário, do registro de sua prática cotidiana. Registro da prática cotidiana, juntamente com a avaliação, planejamento, observação de sua ação junto a seus educandos: crianças, adolescentes ou adultos. Essa é a sua lição, a sua tarefa. Tarefa que formaliza, dá forma, comunica o que praticou; para assim pensar, refletir, aprofundar o que sabe e o que ainda não conhece, o que necessita aprender, o que necessita estudar.

O espaço de reflexão, teoria e estudo da prática, do coordenador ou do orientador ou do nome que vocês quiserem, supervisor, sei lá o que diabo mais; se dá no diário, no seu registro de sua prática cotidiana, na avaliação, no planejamento e na observação de sua prática junto a seus educandos, quem são os seus alunos, (...) os professores. Essa é a sua lição, tarefa que formaliza, dá forma, comunica o que praticou; para assim pensar, refletir, aprofundar o que sabe e o que ainda não conhece, o que necessita aprender, estudar.

O processo de reflexão, construção do pensamento, apropriação do pensamento envolve a todos: criança, professor, orientador. Cada um no seu espaço diferenciado, pensa, escreve, estuda e faz teoria.

O educador estuda a realidade, os outros, a si mesmo, a sua prática. O educador estuda a teoria dos outros, construindo, produzindo a sua. O ato de estudar faz parte do cotidiano do educador; porque a pesquisa move a construção do conhecimento, do ensinar, do educar. E o estudar fica bem marcado. Não é só estudar a pilha dos livros. Estudar realidade, o outro e a si mesmo. Instrumental que disciplina sua prática, de pesquisa, de estudo é a observação, a reflexão, a avaliação e o planejamento.

Observação é o limpo início de seu estudo. Através do registro de suas observações e do planejamento, da avaliação, ele estrutura sua reflexão, seu pensamento. A reflexão tece o processo de apropriação de sua prática e teoria. Somente tendo a sua teoria nas mãos, o educador questiona, recria a teoria dos outros.

Nesta concepção, o ato de estudar é fonte constante de conflito, confronto com a teoria do outro e a própria. É um constante rever-se, buscar-se, através do

entendimento do outro. Por isso mesmo, não é uma ação passiva. Pelo contrário, muitas vezes pode acontecer verdadeiros duelos com o que se está estudando: discordâncias, não entendimentos, desentendimentos. Por tudo isso, o ato de estudar provoca dor, mal estar, desprazer e muito prazer. Pois tudo isso faz parte do movimento de fundamentação teórica que alicerça a recriação da teoria e da prática.

Neste sentido, o estudo sempre possibilita transformações e mudanças. Numa outra concepção, o estudioso pratica o canibalismo teórico. Preocupado em devorar a pilha de livros, produz somente o verniz da reprodução. Seu estudo não gera transformação, porque desapropriado do que pensa e faz, vira um copiador exemplar. Nessa concepção nós fomos formadas, viu? Nessa nós entendemos tudo.

Desapropriado do que pensa e do que faz, vira um copiador exemplar da teoria dos outros. Um mascarado de Piaget, de Vigotskii, de Emilia Ferreiro. Um matraqueador de blá, blá, blá oco; roubado do seu pensamento, de sua reflexão sobre a prática, do seu coração pedagógico.

O ato de refletir é libertador, porque instrumentaliza o educador no que ele tem de mais vital: seu pensar. Educador algum é sujeito de sua prática, se não tem a sua reflexão, o seu pensamento nas mãos. Como que eu vou refletir numa estrutura que me desapropria, que me rouba, nhê, nhê, nhê, ... Pára p'ra pensar! Pára p'ra poder recriar! Pára e vê os limites, enfrenta. Lamúria não constrói nada! Lamúria cristaliza a paralisia! Porque não existe ação reflexiva que não nos leve sempre à constatações, descobertas, reparos, aprofundamentos; portanto, que não nos leve a transformar algo em nós, na realidade.

Nesta concepção, onde o ato de refletir, a apropriação do pensamento é expressão original de cada sujeito, está implícito que não existe um modelo de reflexão. Não existe uma fôrma de reflexão. Existe uma metodologia que ampara para a construção da forma, sua, de reflexão. Não fôrma. Cada educador tem sua marca, seu jeito. O importante é que cada um assuma este seu jeito, esta sua marca; o momento da hipótese em que se encontra dentro de seu processo do pensar.

RECRIAR O CONHECIMENTO

Eu tenho me dado conta com três hipóteses de construção.

Um primeiro movimento: A reflexão, ela reproduz; este educador meramente reproduz o pensamento do outro, alienado do seu pensamento. Vou dar um panorama geral, umas pinceladas só, viu? Não vou aprofundar não. Depois eu especifico mais outras coisas.

Um segundo movimento: Ele reapresenta o pensamento do outro e constrói a apropriação do seu pensamento. Este "reapresenta" é bem Piaget, no sentido de re-apresentar, recriar, trazer o seu pensamento.

Um terceiro movimento: Um movimento de recriação do pensamento do outro e apropriação da autoria, só aqui, só aqui, da autoria do seu pensamento.

Nesse primeiro movimento, eu tenho percebido que é um movimento de choque, de desintoxicação, de ruptura, de questionamento e de muito sofrimento; porque é o rompimento da visão autoritária que cada um viveu em relação à linguagem escrita. A constatação é: Eu escrevo sem pensar, eu não consigo escrever e refletir. Como se

pensamento e linguagem escrita caminhassem dissociados. Conquista-se nesse movimento, um redimensionamento da linguagem oral e escrita; resgatando-se o próprio pensamento e processo de alfabetização. Neste primeiro movimento, a reflexão é uma cópia de textos, concretamente. É uma cópia de textos de outros, não pensamentos. É uma cópia mecânica. O desafio do educador, nesse primeiro movimento é o resgate da reflexão no oral ainda. Não está nem na escrita. Onde depois de um trabalho de um ano inteiro, pode chegar um educador e dizer assim: A minha grande conquista neste ano todinho, em relação à reflexão, é que percebi que eu sei falar, ou seja, eu percebo que eu penso, e por isso comunico o que eu penso, falando.

Nesse primeiro movimento, o educador tem encaminhamentos fortes. Fortes, no sentido de incisivos, de intervenção, nessa ferida autoritária; de encaminhamento, porque tem que calçar o chão e de devolução sobre o que vê, deste processo, deste primeiro movimento. Neste primeiro movimento, este educador - eu tenho feito alguma relação - ele é muito mais um educador bombeiro, bombeiro no sentido de apagar o fogo das urgências da prática, apagar o fogo das emergências da prática, apagar o fogo porque foi pego de surpresa diante de, foi engolido pela realidade, ele não tem uma disciplina intelectual, ele não trabalha com organização dos limites, ele é engolido pelo limite da realidade, ao invés de ser dono, no sentido de limitar a realidade para poder criá-la.

No segundo movimento, ele reapresenta o pensamento do outro e começa a construir, a se apropriar, concretamente, do seu pensamento. É início de comunicação, por escrito, do próprio pensamento. Esses movimentos não estão assim, não, um dois três. Não, eh! Nada disso! Se interligam, interagem. Emerge neste segundo movimento a necessidade explícita de fundamentação teórica, porque percebe as faltas de que sua prática se constitui. Início de luta pela construção da disciplina intelectual para o estudo. Início de começar a ver os teóricos, não com aquele Deus, que eu nada sei diante dele. mas como alguém que começa a pegar no que é seu, prática e teoria, e começa a levantar dúvida, não entendimentos com este teórico. Aqui começa a não mais, a quebra, não mais aquela atitude, comportamento, de obediência, subserviência à teoria, ao teórico; aquele mascarado lá que era, mas a tirar a máscara. A gente foi educado p'ra imaginar ou conceber, e nós somos fruto disso, de que o estudo e a construção do conhecimento, ele é doado, ele vem pronto. Nesta concepção infelizmente não! Você controla, recria o conhecimento do outro, para poder se apropriar do que conhece. E p'ra isso, ferramenta fundamental e básica: a construção da disciplina intelectual.

No terceiro movimento, recria o pensamento do outro. Começa a lidar com mais fluência com esta disciplina intelectual. Assume e apropria-se do seu pensamento de sua teoria. Aqui não há mais máscara. Aqui há a cara limpa, assumida, desse sujeito, autor de pensamento. E a nível da teoria, do texto, da reflexão, domina articuladamente, com coerência, fundamentando sua prática, a sua teoria.

REINVENTANDO A ESCOLA

Tudo isso é p'ra chegar no ponto do nosso tema. P'ra isso a escola a ser reinventada necessita de criar, inventar, espaços de escuta, acompanhamento para exposição do professor, de sua reflexão, de seu pensamento sobre a sua prática; iluminado pela teoria, que ilumina, que inspira, o educador que o acompanha.

Esse espaço de escuta da reflexão, escuta, no sentido do acompanhamento e da instrumentalização, não é espaço da ausência do educador. Não é aquele espaço espontaneísta que diz: Os professores estão reunidos para trocarem. Não há troca sem mediação de um educador, porque construção do conhecimento não é fácil. Espaço instrumentalizador, com a presença do educador, uma autoridade que faz a mediação, socializa, possibilita, coordena, organiza a troca dos saberes entre os educadores, e portanto, alicerça a construção do novo conhecimento.

Educador que não é um igual, no sentido de educando. Educador diferenciado direitos iguais, diferenciados. Educador que sabe mais, mas que por isso não é o que sabe tudo, porque é ele quem encaminha, ilumina, direciona, conduz o leme. Barco sem leme deriva e pode afundar.

Espaço que alicerça o processo da disciplina intelectual. Disciplina intelectual que organiza o espaço externo e interno, no sentido de que não dá p'ra se reunir em qualquer lugar sobre qualquer coisa. Organiza o tempo, as atividades. Organiza, elucida, acalma, os sentimentos que são ingredientes do processo de conhecer: frustração, mal estar, raiva, dor e prazer. Espaço que alicerça o processo da construção da disciplina intelectual, porque o estudo da prática pedagógica e teórica, necessita ser coordenado. Espaço que alicerça a construção do rigor científico, para fazer viver o ato apaixonado de ensinar, aprender, educar, nossos desejos, nossos sonhos de vida.

(Palestra de MADALENA FREIRE aos professores municipais de Porto Alegre/RS, em maio de 1992.)